virtual books
O CÂNTARO DAS HORAS
Geraldo Peres Generoso

O CÂNTARO DAS HORAS

Geraldo Peres Generoso

SOL E ESTRELA

Você tem esse ar tão especial,
Que eu jamais consigo definir
Algo que vem do seu astral,
E que só apreendo pelo meu sentir.

Você tem uma mágica no olhar,
Tem uma graça que é somente sua
No modo de sorrir e de falar,
Que em cada gesto o amor se insinua.

Porém, mesmo quando se me revela,
Bem sutilmente esse seu querer,
Seus olhos dançam, sua mão se atropela,
E você disfarça sem nada dizer.

Você persiste sendo meu mistério
Que a descoberta não tento fazer;
Meu amor, você é o único caso sério
Que vive a brincar com o meu viver.

Vai longe o tempo de nosso namoro,
Nele havia um sabor de eternidade,
Que até não sei, se nesse sonho de ouro,
Vive mais a esperança ou a saudade.

Nessa angústia de não poder vê-la
E com você falar, sem mesmo dizer nada,
Querida, não há a questão: - ter ou não tê-la,
Pois, tenho-a sempre como a mais amada,
Que foi meu sol e hoje é a minha estrela.

AUSÊNCIA DOLORIDA

Adoro, não só amo, esse é o problema,

Ao qual nem sempre entendo o dilema

Profundo a que me lança a cega sorte.

Porque, me dividir já não posso,

A ti me entreguei, me sinto vosso,

Vi que este elo já não há quem corte.

Adentro à noite insone em ti a pensar;

Na manhã vinda teu nome renasce,

Ridente a me envolver...fico a cismar

Ansioso por rever a tua face,

Pego no fone e tento te escutar

A sussurrar além em um enlace,

Pedindo aos céus para contigo estar.

SILÊNCIO CONSENTIDO

Amar é prosseguir no mesmo passo
Na busca de encontrar o maior bem
Arrostando o tempo e o espaço
Fitando sempre esse mesmo alguém
Na distância que impede o longo abraço.

A hora tão feliz, que sempre adia,
Tem no dia e na noite um só refrão
Além de toda e qualquer canção;
Vem da alma que nem se lembra o dia
E não recorda nem mesmo a emoção
Da vez primeira que se fez poesia.

A felicidade em amar já é o bastante,
A resguardar o amor que é tão precioso
E ambicionado prêmio de um amante.

A ninguém revelar é necessário,
A carga imensa deste meu fadário,
Ao ter na alma a luz do teu semblante.

Despejo à Velha Senhora

Por incrível que pareça,
Ó senhora grisalha, de mãos nodosas e olhos tristes,
Talvez sintamos a tua falta...
Foi longo o tempo em que estivemos juntos,
E a proximidade gera vínculos,
Mesmo quando feita de ingredientes infelizes.

Sentimos tantas vezes os teus dedos magros
A nos cingir no abraço indesejado !
Teus lábios frios no beijo que rejeitávamos
De tua boca desdentada e murcha.
Daquela boca que se abria em sorriso
Para o pouco,
Porque só ao pouco conhecias
E te assustavas com a possibilidade da abastança,
Vendo nela um pecado ou um luxo supérfluo.

Quantas vezes nos acompanhaste no sono e na insônia,
Sobre catres de palha e lençóis rotos.
Mas fostes tu, bem ou mal, uma companhia
De longos dias,
Ainda que a gente a todo custo
Te evitasse e te arrumasse a mala rota
Para partires e nunca mais voltar.

Não ! Tu insististes sempre em estar ao nosso lado
Porque a gente se assentava sobre o teu colo esquelético
E julgava que fosses tu o poço de virtudes
Que nos alimentaria com as águas da salvação.

Ledo engano sobre teus poderes inócuos
De nos limitar o vôo,
Te cuidavas prudente para que não caíssemos
Dos céus, para onde nos levavam as nossas asas.

Hoje deixarás esta casa vazia
De tua presença, bem ou mal, marcante
Para nossos corações cansados...

Um vazio é sempre sentido
E hoje partirás para sempre,
Restará,talvez, uma saudade esquisita,
Que nos levava a juntar moedas
como as galinhas juntam os grãos do terreiro,
E tu sempre a nos dizer que havia de ser assim mesmo,
E até blasfemavas nos levando a crer
Que tínhamos que conviver contigo
Para que nos abrisses as portas
De um céu de mentiras que inventavas
Todos os dias
Quando a gente tentava te botar no olho da rua.

Mas agora tu mesma desejaste partir
Porque não te deixamos mais lugar em nossa casa.
Vai, Dona Pobreza,
Pelo mundo afora que te confunde com virtude.
Estamos, sim, fazendo-te uma festa
De tua definitiva despedida de nossas vidas.

Ó pobreza, a bem da verdade, nos fez melhores, talvez.
Ensinou-nos a modéstia, a humildade e a paciência
de esperar que um dia teu lugar, que se ampliou tanto em nossa casa,
Ficasse maior para receber a Prosperidade, como um dom que é nosso
E que, cedo ou tarde, haveria de se fazer presente.

Tchau, Dona Pobreza. Esperamos que mude o teu comportamento, pois sendo como és,
Em nenhum lugar terás pousada permanente
Porque o Universo é rico
E não tem lugar para a miséria, a carência e a limitação.
Bye bye, Pobreza. Converta-te de tua mesquinharia e pequenez,
E mude o teu nome, o teu jeito e a tua essência,
E só então serás bem vinda
Na próxima cada que bateres.
Leve às pessoas e suas famílias,
Do que te resta,
Somente a virtude de esperar
Até que Dona Riqueza, a verdadeira hóspede
Venha ocupar o teu lugar.

ODE A UM MAESTRO

Mago que dos sons entoa

A canção de quem perdoa

Em pautas de amor e luz!

Sábias mãos regendo orquestras,

Trazemos-te hoje estas

Rimas que nos vem à flux

O que da fé aqui nos resta **.**

Na tua enfermidade

A esperança resiste**,**

Cantor do sonho e saudade**,**

Ilha e oásis dos tristes,

Bardo maior da humildade.

Movam estes versos aos créus,

Entoem a Deus uma canção**,**

Remova da dor, os véus,

E te anime o coração,

Grande maestro, campeão,

E por ti valham os céus.

Ourives e Semeadores

Não fossem as mãos a depor no colo da terra,
a minúscula semente,
para agasalhá-la no calor do solo
e irrigá-la no arrebentar do estio:
- *A planta não passaria de mera intenção da Natureza,*
gorada sob a rudeza do chão , sem flores nem frutos...

Sem as mãos pacientes do ourives,
a modelar o metal bruto e sem brilho
ou a fazer nascer da pedra tosca
a jóia de beleza ímpar e de valor sem preço:
o ouro e a prata , e assim o diamante, valeriam tão só
um elemento de inveja, cobiça e avareza, sem vida nem luz.

Cada criança - semente de Deus,
vinda dos céus para os canteiros do mundo,
carece das mãos de *alguém* muito especial,
que possa ocupar, de coração aberto,
A ternura de uma mãe ou o zelo de um pai.
Nossos jovens, a mais preciosa das jóias
que se engastam nas coroas do amanhã,
precisam de mãos firmes e ternas,
aprimorando-os para a vida
a fim de demonstrar seu divino fulgor.
Há neste mundo algumas mãos zelosas
Ocupadas com as jóias e as sementes
Que fazem a humanidade brilhar e florescer
Na seqüência sem fim das gerações:
- E estas mãos, singulares e abençoadas,
São as tuas, Professor/a !

DUAS CASAS

Uma casinha no baixio da serra,
Cheia de frestas pelos vãos da porta,
Me vem à mente que da infância encerra
Uma saudade que o meu peito corta.

Dissera minha mãe: - por esta fresta,
Que da lua em silêncio vinha o brilho,
Trouxe-te o céu como uma réstea,
E foi assim que te chamei "meu filho".

Deixei atrás a choupana esquecida
Em passo lento tomei outra estrada,
Pois queria outra casa e outra vida
Melhor que aquela que não tinha nada,
Com aquela porta tão desguarnecida.
Lá na grota esquecida e abandonada.
Foram duros caminhos, tantas quedas,
Para, afinal, erguida esta mansão,
Ouvir um transeunte que segreda
A sua inveja e admiração
Por este espaço que esconde e veda
O tamanho da minha solidão.
E neste afã de a custo isolar-me
A vida sempre a mesma, continua.
A lua não se faz mais inquilina
Como se já me foi na ida sina
Da casinha da serra tão lembrada.
Da rua vejo o cômico o trágico
Somente através do olho mágico,
Cravado em minha porta bem fechada.

FUGACIDADE

Agarro o cigarro
que trago no bolso aberto
sobre o peito
aflito
em momento
incerto
de recolhimento...
E do apito insistente
do pigarro
nasce um grito
bem lá dentro.
Em cada tragada
Que se evola
Como um novelo
Desenrola
Uma cortina
De fumaça
E nicotina
No ar cinzento...
Bem assim
como a espiral
que enfim
se esvai
em passo lento,
a vida sai
em espirais
e se desfaz
em pedaços
de momentos
pelo espaço...

INDECISÃO CASTIGADA

Vou pela vida
carregando um dilema,
que em cada poema
faz-me sempre maior
esta velha ferida
que já sei de cor.
Esta dor não tem cura,
este bem me faz mal
nesta história real
que me leva à loucura
e ao delírio afinal.
Ela é como a esfinge
que ao coração confunde
e ainda que aprofunde
não consigo entendê-la:

- Não sei quando ela finge,
nem mesmo se a atinge
este amor que me cinge,
como à noite ,uma estrela.
Assim, pra qualquer lado
que pender o meu fado,
oscilo entre a dúvida e a esperança
sem saber a que lado
esta sorte me lança.

Se ela me dissesse: -
Eu correspondo sim
como amante e mulher
ao que dizes em prece,
se assim te convier
No que sentes por mim.!
Mesmo ao falar assim,
restará a confusão,
por impossível saber
se essa confissão
é verdadeira ou não.

Porém, se ao contrário,
simplesmente afirmar:
- Desculpe, solitário,
mas não quero te amar...”
Em mim persistirá
Da incerteza , a rotina:
A travessa menina
não me convencerá,
mesmo se falar sério
Seu volúvel critério
duvidoso será.
E a esperança atrevida
dirá mais uma vez
Que posso ser feliz
com a musa querida
Que, só por timidez,
Muito me ama e não diz...

Mas se em leve rubor,
Muda, queda e indecisa,
Conservar-se calada,
Dir-me-á o Tentador :
- O verdadeiro amor
a uma pessoa amada
declarar não precisa
e o falar não diz nada.

Assim a cogitar
com a incerteza brigo:
- Talvez deixou no ar
um espaço a ocupar
como um simples amigo
que não quer descartar.
Penso : - talvez, de fato
ela me ama e me quer

Mas por simples recato,
tão próprio da mulher,
seu coração sensato
explicitar não quer.
Na grande indecisão
mais e mais fico incerto,
de dúvidas referto,
se ela me quer ou não;

A alguma conclusão
nem sequer chego perto
E solução não vejo,
até que um mais esperto
em oportuno ensejo
rouba depressa um beijo
e fico boquiaberto.
Grito: - Peguem o ladrão
em flagrante delito,
que com esta invasão
o meu sonho bonito
violou sem perdão.

Santelmo, o vilão,
de pronto diz então:
- Me reconheço errado,
se confirmo o ditado
que “sempre a ocasião
É quem faz o ladrão”
E um abraço adiado
fica para outra mão
De alguém mais ousado
Para entrar em ação.
Santelmo prosseguiu
Discursando sem pejo,

- Não sou um ladrão vil
Desse gostoso beijo

de um lábio vazio
Em tão propício ensejo.
Pagar pela infração
É o que mais desejo,
Nem quero advogado.
Faço a devolução
Desse beijo roubado
Com juros e correção.

PROFISSÃO DE FÉ

Quero ser forte e na rocha me fundo
Mais forte do que o bronze e o granito,
Não quero a eternidade de um segundo,
Eu só quero um segundo do infinito.

Est'alma que da luta não descansa,
Quer só a luta da fé no bom combate
Com o o fuzil invencível da esperança,
Que não se descarrega e não se abate.

Eu quero luz na escuridão maldita
Ainda ao custo de um esforço enorme;
Sou um triste filósofo que medita,
Sou um poeta triste que não dorme!

Se abatido, qual a árvore boa,
Não peço ao mundo compaixão nem pena,
Porque no Além encontro Quem perdoa,
Quem pode condenar-me e não condena.

DOCE SAUDADE

Mesmo longe de ti, sempre presente,
Entre as belas lembranças, a mais linda,
Revivo a ilusão de antigamente
Que até parece eterna e não se finda.

És o sonho benfazejo que cultivo,
Bem lá no fundo d'alma em que se esconde,
Que vem não sei de quando nem de onde
E me faz tanto bem quando o reavivo!

Mesmo perto não estando não me esqueço,
Desta velha paixão que é sempre nova;
Por amar de verdade não padeço
A tentação, desse querer, a prova.

Quando acaso um soluço te surpreenda,
Na tua solidão em momento qualquer,
Hás de saber, e quero que entendas:
Sou eu, pensando em ti, onde eu estiver.

SONETO DE UMA CORDA SÓ

Eu vou
Amar,
Estou.
Sem ar

Fechou
O Bar
E sou
Sem lar.

Busco
Por aí
Alguém.

Brusco
Senti
Ninguém

PLANETA ÁGUA

(acróstico)

Planando no espaço qual proscrito,

Levando a bordo esperanças muitas,

A casa cheia, tantas almas juntas,

Num mesmo sonho, vai num mesmo grito

Evocando uma luz na caminhada,

Tangendo abismos por essa jornada

A buscar portos feitos de infinito.

A bailar no universo vai em frente,

Guiada pelas mãos de Deus no escuro,

Untada de ilusões, pelo futuro,

A Terra volta a face ao poente.

PENAS DE CANÁRIO

Canários cantando em festa
De áureas penas e áureas vozes,
O auditório é a floresta,
Atenciosa ouve à seresta
Que vem por ondas velozes.

Vem pelas ondas do vento
No sopro leve das brisas,
Por ondas de pensamento
Das aves que num momento
Ensinam lições concisas.

Ensinam-nos lição certa
Suas maviosas canções,
Vozes que o sertão desperta
Diz que a vida é rosa aberta
Perfumada de emoções .

Um canário em cavatina
Mil canções ao vento sola...
O arbusto verga e se inclina,
Vai parar numa oficina
E faz-se então uma gaiola.

O LUGAR DE UMA SAUDADE

Vai a chuva indecisa,
Sobre as calçadas desliza
Veste o chão de branco véu.
Sacode-a um vento sul,
Desaparece o azul,
Já tornou-se escuro o céu.

A chuva nos traz lembranças,
Lava antigas esperanças,
Molha o pó da solidão.
Com seu vestido de prata
Em nossa rua pacata
Apaga os rastros do chão.

Este coração teimoso
Hoje também está chuvoso
Como há muito não se vê.
Estas águas aqui dentro
Vem da nuvem do tormento
De perto não ter você.

Como alívio aqui me resta
De sua ausência apenas esta
Doce ilusão de esperar;
Só preencho de verdade
O lugar desta saudade
Com você no seu lugar.

BANDEIRANTES DO SÉCULO XXI

O bandeirante voltou dos confins do poente,
Nas cinzas do ontem envolto.
Na primeira árvore amarra a montaria,
Às margens de um rio morto...

Rio que de estrada lhe servia
No seu passo de aventura
Ao romper de cada dia
Por sertões e selva escura
Onde ouro e prata escorria.

Mais e mais bandeirantes a chegar de longes terras ...
Para a São Paulo ocupar,
Sem trazer ouro ou brilhantes na bagagem,
Nessa antiviagem
O bandeirante quer apenas um pasto verde
Para do cavalo tratar e retornar a viagem.
O herói quer retornar, no passo do cavalo,
A bandeira ao sertão e nunca mais voltar,
Com o tacão de suas botas pisá-lo
E arredar as fronteiras que encontrar.
Desafeito este herói a qualquer temor,
Luta de bacamarte aos ombros,
Tentando abrir entre os escombros
O novo mundo que sonhou.!
Morre ali mesmo,
À velha arma abraçado,
Como indigente enterrado
No próprio tesouro que desenterrou..

A ÚLTIMA VEZ

Sempre afeito aos brinquedos

Que paciente ensinava,

Em horas de folguedos,

Espancava os meus medos,

Sumia e assomava...

Escondia uma vez,

E , em pouco, aparecia.

Era a minha alegria

Sempre com rapidez

Risonho ressurgia...

Por condicionamento,

Supus sempre assim fosse:

A volta no assobio

Daquela sombra doce..

Num dia inesperado

Foi que o perdi de vista.

Não sei para que lado

Partiu sem deixar pistas...

Foi de olhos fechados

Buscar outros artistas...

C A S A

Há uma habitação além ou aquém,

Uma casa cheia de coisas e de gente,

De tralhas e cacarecos,

Além (ou aquém) há uma casa !

Uma casa cheia de tudo,

Além do próprio nada...

Uma casa além-limbo,

Feita de tijolos desmanchados...

De gametas decompostos.

Meia-parede com o nosso hoje !

À nossa espera existe um casarão,

À mera distância de um tropeção...

Uma casa sem idade

Onde as bocas respiram e se alimentam

Apenas do silêncio de si mesmas.

R E L I C Á R I O

Guardo as relíquias tuas,

Das nossas horas idas,

Como pedaços de nossas vidas

Preenchidos

De letras e páginas nuas.

Guardo lembranças nossas

De dias imaginados ou vividos,

Momentos de amores incontidos

Ou de grandes fossas.

Guardo, enfim,

Até do teu silêncio

Esta saudade tua

Que hoje está em mim.

ENCRUZILHADAS E SUBIDAS

A vida é uma e s t r a d a

Que só tem ida

É uma

E /S/ C/ A /D/A

Para ser

a

d

i

b

u

S

Cheiacheiacheiacheiacheiacheiacheiacheiacheiacheiacheia de

d

e

s

c

i

d

a

s

para uma única

E

N

C

R

U

E N C R U Z I L H A D A

I

L

H

A

D

A

E S P A Ç O   M O R E N O

Com seus cabelos,

Fiz da esperança

Uma trança

De luz

Rasgando esta escurança

Da solidão que tateio cego

Enquanto carrego

Deste fado a cruz.

Para alívio até aceito

Volver ao nada de que fui feito

Para desse jeito

Moldar o sonho

Deste tempo que quis risonho

Num amor perfeito.

Você sempre diz:

Sonhar faz bem, é permitido...

Ao menos, me faz feliz.

Sonhar é quase o mesmo

Do que o amor ter vivido

D’ algúem que mais se quis.

IDEAL DE UM MINUTO

Ingenuamente, a menina travessa,

Mantinha na cabeça

Folguedos somente.

Algo vim a sentir...

mas era tão criança",

Hei de convir,

que a idade dela não me alcança.

O tempo espesso

Foi a rolar sobre dias sem fim,

Tardes brancas de gesso,

Quantas foram por mim.

Sonhos tantos

Ao longo de ínvios caminhos,

Uns se fizeram em prantos

E outros, em espinhos.

O tempo, na distância,

A quase tudo mudou,

E em meus olhos perdurou

O seu sorriso de infância.

Hoje ela é mulher

No pleno viço de ímpar beleza,

Nunca diz se me quer

Deixa pensa a incerteza.

Porém, persiste em mim

Esta atração fatal,

E o que é ser feliz, enfim,

Se não o sonho de um amor real?

Que ela me ama, suponho,

E por morar no meu cotidiano

Aceita a idéia de ano após ano

Continuar a ser a musa do meu sonho.

TEMPO NÃO É DINHEIRO

Não sou poeta deste tempo,

Pois ao tempo

Não conto como dinheiro.

É como a água

Sem cor ou cheiro

Lavando mágoas

De existências esquecidas..

.

Levando a paz

Que sempre me faz,

Mesmo sem dinheiro,

Bem de vida.

QUASE INVERNO...

Levo tão só

Nesta viagem a esmo

Pelo interior de mim mesmo,

O pó da estrada sem retornos.

E entre os cuidados

E desvelos,

Só me seguem os teus contornos

Desenhados, com fios de pensamentos

Quase brancos como os meus cabelos.

INTERPRETAÇÃO FORÇOSA

No teatro da vida

Interpreto um drama

Num papel secreto

Em solitária trama

Jamais aplaudida.

Vivo a longa história

Deste amor sem glória,

Ímpar, predileto:

Fazer-se em meu texto

Uma amizade irmã

Sem um amanhã,

Em sensação de incesto.

A encenação prossigo

E a fingir me presto

Do amor dileto

Ser tão só um amigo.

POR UM MINUTO SÓ...

O sentimento que me anima o peito

Tão especial se faz e enorme é

Que transfaz a paixão e o preconceito

Na sensação de inabalada fé.

Esperança de amá-la sem ter freios,

Fé no seu amor um dia conquistar,

Transformar em verdade os devaneios,

E, enfim, contigo, teu calor privar.

Faz-me sempre suave este sentir,

Pois nela tudo é belo e tão sublime

Que até a saudade que dela advir,

Do coração as frustrações redime.

Persisto pois numa quase irracional

Certeza em alcançar pelo que luto,

A crer que um dia se fará real

A ventura de a ter por um minuto.

SEM TERRA

Sem-terra

Nunca enterra

Nem deixa enterrar

O sonho que encerra

Pela terra lutar.

Com sua lona errante

Ao som de sua enxada

Faz surgir adiante

Uma roça ou pomar

Nesse caminhar

Sobre cardos cortantes

Como retirantes

De qualquer lugar.

É um pecado esse chão

Em terra morta sem função

Sob o húmus a dormir

Sem a humana ocupação

Do Sem-Terra-Irmão

Que a fará produzir.

Avante prossiga

Num caminho de paz,

Sem luta e sem briga

É que a vida se faz:

Na bênção da espiga

Dos áureos trigais.

Vai sem eira nem beira

Na só voz desse grito

Da Nação brasileira

Com seu nome escrito

Numa verde bandeira

Sob o azul do infinito.,

O ÚLTIMO DESPERTAR

Alguns falam em carma,
Outros, em Graça...
Mas, o que existe no pensar
É apenas m mistério insondável
Em cada minuto que passa.

Há pessoas que falam em Deus,
Outras discorrem sobre Satã,
Há até os que se dizem ateus,
Mas sempre restam dúvidas
Sobre o hoje e os amanhãs!

Nesse dilema profundo
Eu sei apenas que não sei de nada
Sobre este e o outro mundo...
É apenas uma passagem
Entre o riso e a tragédia:

Nada se escuta além da estrada,
Sobre a vida não há rédea.
Muitos falam em trombetas
Acordando os mortos
Num juízo irrecorrível,
De anjos e capetas,
Na chegada de um tempo horrível .

Há os que falam em trombeta audível
Mas a trombeta angelical
Talvez foi ultrapassada
Por instrumentos de decibéis mais fortes,
Capazes de acordar
O mundo de sul a norte.

Haverá – quem sabe? – sobressalto
Nos mortos ao acordar,
Cujo primeiro gesto

Será, talvez, o longo espreguiçar
De um longo sono...
E ao retornar à vida,
Que, por viver, souberam dura
Com sobras de dor e mágoas,
Ao despertar, ao pé da sepultura,
Que não falte na torneira a água;
Que se avise a Polícia, a Prefeitura,
Pra marcar ordem nessa fila renascida,
Para os ex-mortos lavarem os rostos
No recomeço de mais uma vida.

QUEM SOU EU 1?

Eu trago uma marca atávica
Como uma cicatriz da História,
Desde os seus fios primordiais,
Antes mesmo, talvez,
Que todo esse progresso chegasse.

Dou trabalho, reconheço,
No bom e no mau sentido.
No aspecto menos feliz,
Basta-me tão só declarar
O sub-ofício que exerço.

Mas, a partir da taramela
E do ferrolho, estou gerando empregos
Cuido de levar levas e levas de pessoas,
Avaras sem dizer sequer “muito obrigado”.

Graças a mim
Quantas portas se fazem
Num mundo feito de casas,
Cada vez mais fechadas.

Quanto e como evoluíram
Carpintaria e marcenaria,
Quantas e quantas fábricas de pregos,
De vernizes e tintas,
De batentes e fechaduras
Não se fabricam por minha causa!

Nas travas de segurança dos carros,
O quanto não se ocupam em pesquisas
Cuja pretensa perfeição me é um desafio!
Assim procedo e prossigo,

Sem apoio governamental,

Assim só, sempre só

Na raça e no peito

Contra todo um arsenal.

Qual o destino das seguradoras

Sem minha ação real e imaginária.?..

Certamente seriam pouquíssimos segurados

E, por conseqüência Ínfimo o número dos securitários.

Ah ! não fossem as minhas ações

Na calada das noites, nas madrugadas,

As ruas não contariam com guardas ou sentinelas...

Quantas e quantas bocas não são alimentadas

Pela minha ação renegada:

Policiais, carcereiros, escrivães,

Agentes penitenciários,

Seguranças bem ou mal pagos,

Promotes, juízes, desembargadores,

Sem contar os advogados,

A quantos beneficio!

Gente que nem conheço...

No entanto vejo que do mal praticado

Há um bem como resultado

E por ele não ouso

Esperar reconhecimento ou gratidão.

Mas basta pensar em quanto,

A pretexto de minha existência ativa,

O quanto a economia se movimenta.

Sempre estive. Sempre estarei presente.

Até mesmo na cruz ao lado do Mestre,

Não por acaso,

Lá partilhei de um martírio insano,

Donde fiz escalada para o paraíso

Como me prometera o Redentor do mundo.

Não faço, contudo, apologia dos meus afazeres,

Nem quero ser como aquele colega,

Ao lado do Filho de Deus

Que quis prova de poder e assim se fez blasfemo.

Por último bem causado,

Por conta de meus atos

Tantas e tantas orações sobem aos céus

Em função do medo a exigir a fé.

Eu sou o Bom Ladrão,

Que apesar de maldito entre os homens

Tem seu lugar no que a sociedade tem de fundamental:

A economia que se fez no eixo

De um mundo onde até entre os ladrões

Existem alguns mais iguais.!

QUEM SOU EU 2 ?

Na observância de um decreto irrevogável,
Sou atento aos preceitos
Do descanso do sétimo dia
Em todos os meus dias da semana.

Enquanto isso
Os meus críticos não descansam
Em lançar-me às costas os seus impropérios;
Atirando-me pedras de argumentos chochos
Invejosos desta minha forma de vida
Que bem queriam ter adotado.

Não quero causa própria advogar,
Nem realçar neste mundo o meu valor,
Mas a quanta gente faço ocupada
Na criação de comodidades, desde a invenção da roda,
Até o controle remoto,
No engenho incessante
De novos confortos
No afã de simplificar a vida
E incrementar o consumo.

Pensando em minha necessidade,
Quanto se aprimoraram os leitos,
Colchões, colchonetes e almofadas,
Poltronas, sofás ,espreguiçadeiras,
Cadeiras de balanço, guarda-sóis de praias
E mesmo os bancos dos jardins,
os assentos nas praças,
O carro-leito, o trem, o avião e até veículos
Para viajar para o mundo da lua.
Quer queiram quer não
Minha presença é sempre levada em alta conta
Até nas igrejas e nos parlamentos
Onde as poltronas perfilam
Em minha homenagem como um exército agradecido.

Deste meu desprendimento
Resulta até a paz para os governos
Em todos os quadrantes.
Sou pela paz,
Não importuno governo e empregadores
Com pedidos de serviços ou tarefas
A pretexto de ganhos...
Em vez disso,
Em gesto de extrema renúncia
Não inflo o mercado de trabalho,
Não concorro com trabalhadores
Nem tenho o pecado da inveja
Daqueles que se enobrecem
Pelo suor do próprio rosto...
Fiel à herança biológica
Identifico-me com um bicho herbívoro,
Inofensivo e útil como exemplo
De bom comportamento e vida sã,
Longe das fábricas, das oficinas
Com que dia e noite
Sonham milhares de desempregados,
Em meu Ócio Criativo,
Eu simplesmente canto
Como Domenico de Masi
O meu hino à PREGUIÇA.

ODE AO MEU CÃO

Porque não sou o céu no infinito aberto
Nem o deserto, em seus caminhos sem termos,
Não posso me isentar do vício da posse,
Da busca do espaço, do calor de um abraço,
Da sensação do “meu” ou do “nosso”.
Porque não sou o mar de águas tantas,
A esparzir gotas e espumas sem limites,
É que a dor da solidão,
Ainda que a dois
Tanto me dói,
A corroer todos os meus motivos;
A arredar todas as minhas metas,
A matar o “eu mesmo” neste “não ser” forçado.
Sinto quase a sensação de abandono,
E bendigo o sono
Que me faz imergir
No meu nada que resta,
Nesta
Pequena fresta
Que vejo surgir
Dos olhos de meu cão de quem sou dono:
De quem sinto companhia,
A quem posso falar
A qualquer hora do dia
E ele, esmo sem o dom da fala,
Jamais se cala,
No simples abanar um toco de cauda
Ensina-me que não sou só
Porque resta um amigo.

MUSA AUTÊNTICA

Ó musa, qual vinho antigo,
És a flor que viceja
Íntegra e completa,
Sejas tu, entre as mais, a predileta
De quem a corteja.
Como o teu poeta.

Qual rosa prestes a desgalhar-se,
Tens todas as cores da vida a alternar-se
Da luz e sombra feita em evidência.
Da roseira não és mero botão
A ensaiar para ser rosa um dia,
Trazes de muitos sóis lindo clarão
Somado aos luares na feição
De quem ama discreta e com consciência.

A musa, pra ser musa de verdade,
Precisa trazer impressa no semblante
Aquela aurora que a fez brilhante
E, em arremate, bela, nos encante
Com a luz suave que em seu rosto arde
No sereno fulgor de seu semblante
Como a luz suave do cair da tarde.
Carrega ela, talvez, ocultas mágoas,
Ou mesmo até inevitáveis rugas
Como canais por onde as águas
Das lágrimas da vida ou verdugas
Ainda assim a musa é meiga e terna
A espelhar a reavida inocência
Como flor inteira de beleza eterna.

CONCATENAÇÃO

A casa iluminou acesa...

A janela do dia em brasa
Encheu de luz a casa.

Portas outras se abriram

Como lagartas, ex-mariposas,

Numa metamorfose avessa.

O tempo rodou no espaço

Uma canção espessa,

Sem reverso.

Os calendários se encheram

De mistérios, de quaresmas e invernos,

De resfriados e asmas.

O verbo foi conjugado escandido.

Surgiram adjetivos muitos

Que pareciam mântran3s

A dançar na boca de um eremita.

O tempo cantou,

Escutou-o o espaço:

- A vida se fez numa canção sem nota.

SONHO VERDE

Sonho verde
Sonho claro
Sonho sol
Sonho semente
Sonho somente
Sonho só.

Sonho vindo
Sonho indo
Sonho verde
Sempre verde
Sempre lindo
Sonho novo!

Sonho antigo
Sonho em sono
Sonho insone
Sonho feito
Sem efeito.

Sonho ontem
Sonho hoje
Sonho verde
Sempre verde
Tem passado
Sem futuro
Sonho verde
Verde-escuro

PAINEL URBANO

Vem às narinas,
Chega aos pulmões,
Deles se adona
Numa carona
Com a nicotina
E o alcatrão,
Esta é a rotina
Sem solução,
Esta é a sina
Da solidão
Que se confina
Na multidão.

No negro asfalto
A flor não medra,
Só o prédio alto,
Alma de pedra,
De vida falto,
Aos céus arreda
A quem fizer
O último salto
Sem pára-quedas.

VELHO SEGREDO

Com você em meu pensar
Eu sou levado a tentar
A ser melhor do que sou,
Sem a pretensão vulgar
De ao mundo conquistar
Ou me tornar um vencedor.

Pois, querida, em verdade,
Não a quero só na saudade.
A crer no futuro insisto
Se me presto com insistência
Em amá-la , assim, a esmo,
É porque tenho consciência
Que você, em sua essência
É o melhor de mim mesmo
.

ELEMENTO SAGRADO

Você está em toda parte,
Sempre presente na vida,
Fica ou passa e faz cumprida
Sua missão com zelo e arte.

No murmúrio do regato,
A bailar em passos brancos,
Vai sobre as pedras do mato
E os sangüíneos barrancos.

No mar imenso, afinal,
A unir povos e países,
Em seu código de sal
Une banhistas felizes.

Desce à terra em beijo brando
À rua larga e estreita,
Em seu trajeto lavando
Numa limpeza perfeita.

Até mesmo ante a morte
De quem fica ou vai em paz,
Você é uma presença forte
Quando em pranto se transfaz.

VISÃO DE UM RETORNO

Esta circunstância

Estranha de manter-me

Nesta constância

Em nunca esquecer-me

De você, querida,

Malgrado a distância.

De um a outro afastamos,

Não somente em passos

Nem só em espaço...

Mais nos distanciamos,

Sem mais dar-me o braço.

Já nos alheamos,

Você tem seus planos,

Eu, os embaraços,

Que através doa anos

Me seguram os passos.

O tempo é uma vala

A nos tragar tudo,

Sua imagem, sua fala,

Ainda assim me iludo,

Minha dor se cala,

O sonho me embala,

E, ainda assim, contudo,

Só, em minha sala,

Numa quase certeza

De a ver junto à mesa,

Desfazendo a mala.

CINZAS DE AUSÊNCIA

Nos meus momentos críticos,

De ácidos transtornos,

Em torno te procuro.

Um frêmito sacode

O meu mundo em torno,

Esquálido e escuro.

Não imagino nem conjeturo

A que tímpanos lançar o meu grito

Trêmulo a ecoar no peito aflito

No ímpeto da dor que já não aturo.

Tua ausência conjuro.

Que tímpanos, meu grito,

Trêmulo, no escuro,

Alguém, por acaso,

Ouvirá do infinito

E dele fará caso?

Léguas, milhas longínquas...

Quilométricas linhas

Entrecortam a distância,

Simbólica e impostora

A impor esta ânsia

De esperar, hora a hora,

O fim da relutância

Em dizer-me : “É agora”

Para seres minha .

ÁGUAS BILÍNGUES

No mar imenso de espumas doces
Beijas o ar e à terra circundante,
O vento te carrega a mais distante
Como aos céus um refrigério fosses.

A tua voz na imensidão reboa
E faz surgir a vida a cada passo;
Por verde, te agradece a árvore boa,
Cedendo à ave o fruto e o regaço.

Noiva do céu, em tua cor vestida,
Pelos penhascos imensos te arrojas;
Tua majestade vai sempre mantida
E às próprias nuvens fazes invejosas.

Disfarças tua força na beleza,
Camuflas teu poder em tua poesia;
Mesmo em teu espetáculo és natureza,
Ainda furiosa és uma mãe que cria.

Dias e noites, no inverno ou no estio,
Sobre três terras teu aguaceiro cai;
És filha do Iguaçu, tu és Brasil,
Num beijo à Argentina e ao Paraguai.

AQUARELA SERTANEJA

Recordo com saudades minha terra,

Além da serra, tudo azul, era tão lindo;

Pássaros indo e vindo! Ah! Quem de dera,

Na primavera ver a vida reflorindo.

Cantos de galos anunciavam a aurora,

Saudando a glória do romper do dia,

Então saía, pelo pasto afora,

Calçando a espora e o burrão trazia.

Ainda ouço o aboio e o berrante,

E em tons vibrantes pelo vale ecoa

A viola que soa pela mão amante

No instante triste que o caboclo entoa.

Parti, mas trago meu sertão presente,

Restou somente, da felicidade,

Na atualidade esta dor presente

Que insistente hoje se fez saudade.

ÁLIBI

Vivo

No livro,

No jornal

E entro

Dentro

De uma notícia,

Subrepticiamente

A fim de

Num deslinde

de repente

Vê-la somente

Boa e bela,

Como libélula

A voar

Sem jeito

Rumo ao apiário

Do meu peito

Solitário.

SÓIS DE ONTEM

Tantos sóis

Rasgaram nossas noites

Como açoites

De luz pelos lençóis.

Quantos segredos,

Quantos medos,

Confessos e ocultos

Em risos e singultos

Nos surpreenderam a sós.

A gente descria

De que aquele sol

E aquela chuva que molhava o dia

Qual ouro em pó

Se desfaria.

Todavia,

Vieram dias

Um ao outro em pós,

Numa rotina que roía

Como traça algoz...

Assim nos partimos

Outra vez em dois

Á JANELA ILUMINADA

Bem antes que, do berço, o espontâneo sorriso

De lábios infantis se abrisse à vida incerta,

Uma mulher sonhou, na Terra, o paraíso,

Modelou nosso ser, em sonhos e desperta.

E quando, um a um, de asas pandas e abertas,

Para colméias outras, entre a lágrima e o riso,

Um dia partem os filhos a deixar deserta

A casa que era sua, às vezes, sem aviso.

Qual noctâmbula ave se põe à janela

De insônia iluminada, ansiosa espera ela;

Rega de pranto a ausência! Onde andam? Sabe-o Deus.

Reza, sofre e na própria dor que a crucifica,

Sua bênção recai sobre o filho que fica

E àquele que partiu sem sequer um adeus.

LAVAS DE AMOR

No diamante negro dos seus olhos

Vejo o fulgor de um convite louco,

De um desejo que mata e, pouco a pouco,

Desvia da tristeza estes escolhos.

Você que tem, do amor, a chave e o molho,

Que abre as portas de um mundo novo

E faz poeta a qualquer do povo,

Como me faço se seu olhar recolho.

Mas no coração não cabe tanta espera,

É maior do que a própria primavera,

É mais quente que o abrasador verão.

Nesta ânsia de vida quero até morrer,

E no eterno sonho sempre ao lado ter

Você que é este impávido vulcão.

MOLEQUICES DE POETA

Das minhas desarrumadas estantes,

Pulam como frutos maduros

Poemas feitos e por refazer.

Em grande número, em alta escala,

Está cheia a gaveta, locupleta a mala

De poemas claros e obscuros,

Feitos em diferentes instantes,

Como um tesouro mudo que de tudo fala.

A um simples remexer das empoadas gavetas

Pulam como borboletas tontas

De amassadas papeletas,

Poesias a fazer um leque

De letras.

E se eu não fosse este poeta-moleque,

Preferiria, em lugar destes rabiscos,

Notas e moedas, dólares e cheques,

Que seguro me fizessem contra os riscos

De meu mundo em xeque.

Mas eu sou este moleque-poeta

Que abarrota,

Esta tulha poética de notas,

Que de poesias quase está completas.

Vou a criar e a arrumar a coleção,

Até que o poema vire uma canção

Digna de minha musa predileta .

MENTIRA A DOIS

Falas no fim do amor, até te atreves

Dizer: - Foi um romance de mentira;

Não me toma por musa de sua lira,

Até mais dizes mais jamais escreves.

Algo resta em nós, do nosso enlevo,

Momentos de paixão e, ainda a pira

Da ilusão acesa em teu olhar conspira

Para dizer dos beijos que lhe devo.

Se de ti me perguntam, digo o mesmo?

- Ela é a sombra de um amor extinto
- Que se desfez no meu passado a esmo..

Do que há de pior tuas feições pinto,

Como me tens pintado e, nestes termos,

Nunca me deixa só quando assim minto.

NOIVA DO VENTO

Bem cedo chegou,

Alva, mansa e linda,

Quando a aurora ainda

Sequer despontou,

Ela veio esguia

Sobre a noite que ia

Em breve ser finda.

Em seu colo trouxe

E espalhou com os dedos

Finos, transparentes,

Uma canção doce

Sobre os arvoredos

E os telhados quentes.

Com seus membros lassos,

Foi descalça e boa

A lavar cansaços

Da rua sem passos

Naqueles espaços

Que caiu em garoa.

Branca se esvoaça

A pisar a rua,

Em desfile, nua,

Com o vento enlaça,

Avança e recua

E cantando passa.

Garoa-garota,

Em nudez marota,

Surpreendeu o estio,

Ganha em sua rota

Do vento indiscreto

A ecoar no concreto

Um longo assobio.

Num sopro ciumento

Vestiu-a de folhas,

Inteiro se molha

Pra lograr o intento,

De saciar o cio,

Com ela fugiu

Para o firmamento.

CONSAGRAÇÃO DE APOSENTO

SENHOR,
Que todo Ser que aqui chegar,
E cruzar o portal deste recinto,
Sinta a Vossa Presença, como eu sinto,
Da luz do Vosso Amor neste lugar.

Que aqui se faça pela Graça Tua,
A chama acesa de um amor em brasa,
Que desfaz qualquer treva, que das ruas
Possa rondar quem entre nesta casa.

Que aqui se acampem a cado momento
Os anjos das Tuas hostes celestiais,
Que se dissolva todo o desalento,
Calem-se, pelo Amor, todos os ais.

SENHOR,
Que aqui se pense e a cada instante
Proclamado seja o Teu santo nome
Com a fé vivida no amor constante
Que ao Teu calor a cada dor consome!

Que Tua essência inunde cada canto
Com o Vosso encanto neste lar pequeno;
Que nos recubra sempre o áureo manto
Do amor imortal do Nazareno !

Que todo aquele que aqui vier,
De qualquer raça, homem ou mulher,
Sinta a Tua Presença a derramar
A bênção de poder que tens pra dar
A quem em Ti o coração puser.

O DEUS EM QUE ACREDITO

O meu Deus é um Deus, sim,
Que continuará a abrir o Mar Vermelho
E a fazer chover maná sobre o deserto.
O meu Deus é um Deus, sim,
Que faz abarrotar de azeite a casa desolada
De uma viúva sem ninguém por perto.

O meu Deus é um Deus que não me deixa só,
Que é capaz de parar o Sol
E derribar todas as muralhas
Como em migalhas e em pó
Assim fez Ele sobre Jericó!

O meu Deus é um Deus, sim,
Que rege o universo criando e recriando;
O meu Deus é um Deus, sim,
A Quem a vida e a morte
Obedecem cativas a seu mando.

O meu Deus é um Deus, sim,
Que repreende a tempestade
E multiplica pães e peixes sem conta,
Conosco está além do fim
E nos atende a qualquer necessidade,
Nos faz sempre melhor o tempo ruim
E está em nós por toda a eternidade.

POR QUÊ ?

Por que em carne nos tornaste
sobre este vale a esmo
nesta árida procura
Por nós mesmos?

Olho-Te pelo rosto do Sol
e as perguntas se esboroam;
apagas Teu luzeiro,
Trevas os ermos povoam
mas nos ensinaste
a fazer um farol.

Nessa infinda procura
pelo próprio Eu,
a Tua luz na selva escura
nem por um segundo,
pelas vias do mundo,
do menor entre os homens se esqueceu.

Embriagamo-nos de mundo,
na inconsciência adormecidos;
imergimos, por vez, em profundos
pesadelos e gemidos
que nos nascem do mais fundo
daqui dos nossos corações feridos.

Mas no final de todo o desencontro,
qual drama a se fechar no último ato,
volvemos a Ti num derradeiro encontro,
alheios a este mundo insensato,
Para Ti voltaremos todos juntos,
Para viver no Amor de fato.

VIDA EM ORFANDADE

Eu sei o que é Deus “não responder”!
Sei bem o quanto esse silêncio mata...
Conheço o peso dessa dor ingrata
De estar cego e olhar sem ver!

Senti na pele a ausência da luz;
Senti no coração o vazio da Presença
E a inutilidade de uma enorme cruz
Que me levou bem perto da descrença!

Foi então num calvário prolongado,
No flagelo incomum de um pesadelo
Que a custo compreendi meu duro fado
E dirigi a Deus o meu apelo!

Não ouvi vozes, mas foi diferente,
A partir daí, a minha nova vida;
Livrei-me então dessa dor inclemente
Numa prece nascida
Daquele meu estado deprimente.

Foi do sentir tão fundo a orfandade
Que nasceram-me a força que, então
Veio preencher de amor meu coração
Com a plena essência da Divindade
Que de eternidade veio preencher
Com a Sua luz de amor o meu viver
Com Seu doce sabor de eternidade.

LEGÍTIMA CARÊNCIA

Maldizemos, às vezes,
esta fome de mundo que nos assola,
esta ânsia pelo nada que se evola
de esperanças vãs e estúpidas !
Amargamos reveses e naufrágios,
pela busca infrene de posses e títulos,
pagos ao peso de imensos ágios,
por bens insignificantes e ridículos.

Na matéria, desse pó, de que em parte
somos feitos,
Imergimos a alma integralmente,.
a insistir na pífia arte,
por todos os modos e jeitos,
de desfrutar intensamente
por via de corpos imperfeitos
uma falsa ventura prazerosamente.

Mas neste Universo desmedido
nada se perde, nada está perdido,
nem um só átomo há de se perder.
Bendita esta fome insaciável
pelo que pensamos precisar ou ter,
Esta fome que nos corrói,
que tanto nos consome e que tanto dói
em nossa alma tem a razão de ser:

Esta sensação de tremendo vazio
que nos traz mil desejos, infinita vontade,
É um mero disfarce a esconder o pavio
Por nossa fome de eternidade.

ALGUÉM MUITO ESPECIAL

Por onde quer que se ande pela terra,
Vemos a cada palmo, a cada instante,
A paz ausente e, no furor da guerra,
A dor da Terra com os seus viventes !
Cada qual faz o céu sempre distante
E mais gritante a vida em meio às gentes.
Ante esse quadro assustador e horrendo
Há alguém a criar no mundo crendo.

Há gritos de presídios e hospitais !
Há gritos de miséria longe e perto,
Há solidão e luto em tantos ais,
Na travessia deste chão deserto.
Além do tempo incerto a luz e a paz.
Onde se esconderá o amor por certo?
Ante esse quadro, de dor feita à custa,
Há alguém a criar, que não se assusta.

Milhões de vozes a exprimir carência,
Hordas famintas sem teto nem pão;
É infausta e malograda a experiência
Desta seqüência de um viver em vão
Que não foi explicado pela ciência
Nem resolvido pela religião.
Ante esse quadro que nos desalenta
Há alguém acima que ao amor sustenta.

Quem será esse alguém, presente e oculto,
Que ainda crê e em criar persiste?
Que a cada instante as marcas de seu vulto
Se expressam num semblante, alegre ou triste!
Mas sempre criativo, infante ou adulto
Está no homem esse alguém que existe
E quer, como Ele, nos fazer criadores
De um novo Éden e, de nós, senhores.

PRIMEIRA ESPERANÇA

Se a esperança, de ti, fugitiva, algum dia,

As asas debater, vôos de exílio alçando,

Não desesperes, firme, caminhando,

Continue os teus passos pela ardente estria.

Se lágrimas de dor teu rosto vier banhar,

E, solitária, a angústia tentar te abater,
Lembra-te que é prenúncio de maior prazer
Quando uma dor qualquer vier te visitar.

Não fujas ao fracasso. Ao desânimo vença,
Fiel à tua coragem de bom senso feita;

A audácia dos fortes as raízes deita
Para fazer florir desertos de descrença.

A um forte o tropeço apenas representa
Razão da própria luta em que se debate,

São a parte integrante e melhor do combate

É bússola que rumos novos orienta.

Seja sempre o perdão a rútila armadura
Com que te hás de cobrir em tua luta empenhado;
Seja a fé tua bengala, o amor, o teu cajado
Seja a esperança a estrela na tua noite escura.

Um sorriso feliz erga n'alma por lança,
A qual hás de empunhar se alguma dor pungente
Na estrada te assaltar inesperadamente
Para te arrebatar a última esperança!

Seja a benevolência o teu maior remédio

A pensar-te as feridas do aparente mal;

Seja o teu habitat o mundo natural

Onde não existem ninhos para o tédio.

Faze da tua alegria a doce companheira

Que Deus te deu e, do ânimo, o teu malho;

Siga com fé ardente o teu árduo trabalho,

N’alma encerrando ao fundo a esperança primeira.

SEMENTES DO RELÓGIO ETERNO

Ao coração fala o mundo tão alto
Em tons graves, agudos e crônicos.
Sobre amor-paixão;
Disfarça-se até
Em suaves tons de profunda fé
Numa grande ilusão.
Impõem-se em mil dilemas:

Custo de vida, perigos por terra e mares.
Atualmente até
Em perigos pelos ares.
Mas pede-me
Manter nos homens minha fé
E, pelo mundo,
A requerida fascinação.
São mil vozes falantes
A estes apenas dois ouvidos,
A requerer de mim
Sempre, e cada vez mais,
Respostas e atenções sem fim.
Mas ate todo bulício,
Uma Presença silente
Esclarece-me sobre tudo,
Até sobre o mundo gritante
Que murmura sem cessar
Requerendo atenções.
E quando me adentro
À catedral do silêncio íntimo,
Em frestas de luz em cada pensamento,
Abre-se-me a pequena porta,
Tão pequena que mal passo,

Mas além da abertura
Além da Terra escura
Está um jardim no universo.
Neste não saber derivado do não pensar,
Deus me desvela o mundo.

.E, num minuto apenas,

Insere-me na eternidade.

Ele, que sabe o tempo exato
Do meu despertar,
Tranqüiliza-me a Alma sedenta e aflita

De voltar para a Casa...

Por mais que ande por confins
O Pai silente
se faz presente
E em todas as palavras
Coloca um fim.

Às vezes os ruídos se entrechocam
Do íntimo ao exterior,
Por amor
ou por ira se deslocam
E desembocam
Ora em espinhos, ora em flor.

Os pensamentos digladiam-se em idéias,

Úteis algumas, vãs a maioria,

Mas, às vezes, transcendem a teodicéia,

E vão ainda além da teologia.

Nas asas do silêncio a alma voa,
Sabe que o Bem é para quem perdoa,
Sabe que o Amor é para quem o dá...
Assim posto ao Supremo, frente a frente

Cada minuto do relógio é uma semente

Que de eternidade reflorescerá.

ALÉM DO HORIZONTE

Há momentos críticos na vida
Em que o mundo
Parece desabar!
Mas quando me defronto
Com situações tais,
Pergunto-me: “Não passarão jamais?”.

E percebo, sempre, sem exceção,
Que, de repente,
Deus faz outra e melhor a situação!
Quando tudo parece perdido
Sem a menor opção,
Apenas me pergunto:

“E o resto do que me resta viver.
Precisa ser assim
Com essa atribulação ?”
Ao meditar que a vida não tem fim
Penso que o resto eterno,
A partir de algum tempo
E de algum lugar,
Da vida que me restar
Pode e deve ser melhor
Para o mundo e para mim...

CAIXA PRETA

A gente vai por esta vida, às vezes,
Recheada de reveses,
A perguntar pelos porquês.

E nessa indagação
Que colocamos às portas
De cada amanhã,
selamos o destino
E vemos nosso próprio desatino
Ressuscitar as esperanças mortas.

Uma certeza sempre permanece
No escrínio do peito
Apesar e além de todas as tormentas;
Se a Deus nos leva a prece, de um ou de outro jeito
A manhã renasce e o sol afugenta
A escuridão que então se desvanece.

PROFISSÃO DE FÉ

Quero ser forte como a rocha firme,

Mais forte do que o bronze e o granito;

Não quero ao embalo do destino ir-me

Por um caminho que não vá ao infinito.

Não me apraz o sossego e o descanso,

Quero a luta da fé no bom combate;

Meu fuzil nesta guerra é a esperança
Que não se descarrega e não se abate.
Sou um triste poeta que medita,
Sou um poeta triste que não dorme,
Rompendo em solidão a treva enorme..
Buscando a luz na escuridão maldita.

Da morte em ceifa a tudo que anda e voa
Não me há de assustar a alma serena,
Porque no Além encontro quem perdoa,
Quem pode condenar-me e não condena.

REFAZIMENTO DIÁRIO

S E N H O R,

0 sol do dia que se foi

Esfarelou-se em estrelas,

Para o alto subiu, perto de Vós,

Na abóbada infinita.

Mas, amanhã, pela manhã,

Vossas mãos pacientemente

Juntam uma a uma

Essas lascas de luz

E refaz o sol de um novo dia.

Trarás de volta ao mundo

Toda a claridade ausente

Que na noite dissolveu

Em faíscas de astros.

Iluminarás de novo a Terra

Com Vosso lume acostumado...

E como isto acontece tão naturalmente,

Poucos de nós percebemos

A dimensão do Teu milagre.

Reinando sobre os campos siderais.

Quem aqui chegou, a este horto,

De algum lugar provém,

Chega a este porto pelas mãos de alguém,

Mas Quem o mandou,

Não o sabe ninguém!

Ao aqui cair

Sem poder se explicar,

Ou até mesmo por não saber,

Vê o corpo florir

E maturar

Para um dia regressar

E a vida em plenitude usufruir.

CARROSSEL DE FORMIGAS

Sem saber
Adentramos ao carrossel
Das lutas vividas ou por viver
A disputar um troféu
Sem saber o porquê!

Tanto se corre
Atrás de o próprio viver
Sobre cada minuto
Que morre ao nascer
E depressa deixa o fruto
Para de novo florescer.

Corre-se do nada,
Desse nada que faz o destino comum,
De uma gente apressada
A seguir na caminhada
Rumo a lugar nenhum.

O mundo tanto exige
Do caminhante trôpego,
A cada sôfrego
Nesta corrida de milhas rasas.

A rotina fustiga
A arrancar dos leitos e das casas
Uma procissão de formigas
A caminhar sobre brasas
Ao som de sirenes e cantigas,

Tudo isto só porque
Cada formiga a correr
Se esquece de tem asas!

IDA E VOLTA

No escrínio do peito
É onde reside a essência
Com que a Onipotência
Nos criou ao Seu jeito.

Divagar, sem rumo,
Em teorias sobre o Além
É, em resumo
Uma mesma forma que se tem
De se ir também
Como outros sem rumo
Entre o mal e o bem.

Busquemos muito além
Das palavras,
Sentir, da própria vida,
A essência, como lavas
De um vulcão em terra adormecida.
Não é possível definir jamais
Esse mistério imenso
Desse Ser de paz além dos nossos ais,
Que está além do nosso humano senso

AMOR OU JUÍZO?

Frágil se revela o ser humano,
Noite a noite, dia a dia,
Sobre um tempo em correria,
Sempre a urdir novos planos
Ao sabor de uma nova fantasia.

Faz-se difícil a toda gente
Levar além da carga,
Do passado e do presente,
A sensação amarga
De que um planeta tão recente
Ainda inacabado
Possa vir a acabar-se de repente...

Assombram-nos os fatos e as pessoas,
Aos viventes e sobreviventes,
Vilões e inocentes
Vai a morte tragando.

Fazendo juntar-se a uma procissão de ausentes.
Vai levando as horas, más e boas.
Numa voracidade inclemente,
E da vida, em resposta insistente,
À terra povoa e repovoa
Interminavelmente...

Assalta-nos a impressão
Que as coisas vêm traçadas
Do princípio ao fim...
Mas há em mim
Um coração,
Que em meio às suas pancadas,
Insiste-me em dizer:

-Não pode ser assim...

Para ajudar no que Deus mais quer,

Que é refazer, na Terra ,o paraíso

Muito amor é preciso

No homem e na mulher...

Mas nem sempre é assim

O modo que o mundo quer,

Para não chegar ao fim

Será ao menos preciso

Que haja mais juízo

No que a gente fizer...

O DOM INFALÍVEL

Ante às provações

Há sempre um dilema:

- Avaliar, do desafio, as dimensões,
- Ou enfrentar o problema

Sem vacilações...

Mas se acaso nos afigura
Invencível o poder das situações,
É porque, em nossa vida afora
Deixamos de crer
No Infinito Poder.
Que até em piores condições
Com a Sua mão nos fez ao mal vencer.

Ante cada óbice
Que se nos antepuser na estrada,
Vamos dobrar, se necessário, a dose
Da fé que em nós tem morada.

Nós temos a crença
Que supera a desgraça e cura a doença,

Diante da fé não há o que nos vença
E a própria morte não diz nada.

A VOZ DA VIDA

O mundo chora por mil razões,
Principalmente por quem vai embora
À busca de outras canções
Por este universo a fora.
Ao chamado sem voz
Ou qualquer idéia ofensiva
Da Ceifadora,
Aparentemente atroz
E decisiva
Faz –se surda a ceifar,
Devoradora.

Aqueles, daqui libertos,

Para mundos mais abertos

De caminhos tantos,

Às vezes, quando lá aportam

Num pós-trajeto que se faz sozinho

Quase não suportam

A chuva dos muitos prantos

Interposta em seus caminhos.

A VOCÊ QUE ESTÁ TRISTE

Quem fez a lágrima
Que é o sal do rosto ?
Não foi a mágoa
Nem o desgosto.

Esta água que desce
De quase todos os olhos
E à própria alma umedece,
Quem a fez foi Deus.

Assim o homem como a mulher
Ao mundo não vieram só para chorar!
Uma lágrima caída,
Ou muitas, dentro da vida,
Pode ser para regar
Uma ilusão querida.

Tudo se vai com uma lágrima
Que cai de cada face,
E é na fonte da própria tristeza
Que se faz a ponte
Para a própria beleza.

Se Deus fez o pranto
Como um produto para o desabafo
De mágoas fundas ou passageiras,
Sabemos que, passageiras,
Assim se fazem todas as águas
Porque somente nós somos infinitos,
E transitórias são todas as mágoas.

R E C O L H I M E N T O

Um grupo de crianças-irmãs,
Em diferentes brinquedos,
Ouvem, à tardinha,
O chamado da Mãe;

Zezinho chora
Porque o papagaio ainda vai alto
Dançando na cabeça dos postes,
Enquanto o peão de Joãozinho
Rodopia pelo asfalto;

Mariazinha
Embala a boneca quase adormecida
E não quer interromper
O sono de sua "filhinha";

Gabriel interrompe
As lutas de seus heróis de plástico
Porque a Mãe está chamando...

Todos choram,
A Mãe fala mais alto:
- Venham tomar banho, jantar e dormir!

O banho de águas castas
Remove a poeira suja do dia que acabou por ir-se.
O jantar delicioso tem o tempero
Do carinho materno...

E no tépido colo da Mãe
Todos adormecem felizes
Na santa alegria do Lar que os recolhe.

BEM SUPREMO

Às vezes os ruídos se entrechocam,
Pipocam ao íntimo ao exterior;
Por amor ou por ódio se deslocam
E desembocam ora em espinho ora em flor.

Os pensamentos digladiam-se em idéias,
Úteis algumas, vãs, a maioria,
Mas, às vezes, transcendem a Teodicéia,
Indo até mais além da Teologia.

Nas asas do silêncio a alma voa,
Sabe o que o Bem é para quem perdoa,
Sabe que o Amor é para quem o tem.

Assim posto ao Supremo, frente à frente,
Cada minuto do relógio é uma semente
Para o eterno viver no Sumo Bem.

O CÉU ESTÁ AQUI MESMO

Ante os mistérios insondáveis,
Humanamente inexplicáveis,
Conjecturamos sem parar...
Dos mais simples aos mais sérios
Nos defrontamos com mistérios,
Aos quais tentamos desvendar.

Em vão lutamos na incerteza
De realizar esta proeza:
De Deus e ao mundo compreender!
O bem do céu não entendemos,
E a cada vez que o mundo vemos,
Vamos o "mal" transparecer.

De Deus nos falam os pastores,
De um mundo além deste de dores,
Pleno de luz, amor e paz !
A fé se acende em nosso peito,
Pelo Senhor tornar-se aceito,
Cristo Jesus nos fez capaz.

Uma incerteza vem, no entanto,
Ao pecador vergasta e ao santo
Inquire fundo sobre o "mal".
Fala-se até que há quem afronte
Ao Creador, Suprema Fonte
De todo Bem Universal !

É impossível desvendar
O infinito a nos mostrar
A perfeição que em tudo existe.
Não entendemos a beleza
Que rege toda a Natureza
Por mais que a ela se conquiste.

Que não criou o mundo a esmo.
Pensemos sempre apenas nisto:
- A luz de Deus no amor de Cristo
Sempre está dentro de nós mesmos !

EM BUSCA DO ARCO-ÍRIS

Ó DEUS TODO PODEROSO,
Desperta a Ti mesmo dentro em mim
Fazei-me alçar aos páramos do Teu pouso
E aplainando as montanhas
Que me barram os passos
Perdidos neste confim.

Fazei viva a centelha
Que em mim depuseste
Antes que Abraão existisse
Para te ofertar por ovelha
A Isac que o pediste.

Mostra-me, Senhor, a Vossa luz,
Ainda que essa luz me cegue para o mundo
Que ainda agora me seduz!!

Faço de Vossa Presença Invisível
O meu único e último apoio
Por estes ínvios caminhos
Cheios de espinhos
Como rebanho à voz do Teu aboio.

Acolhei-me em Vosso regaço infinito
Dando-me espaço a este grito
Que vai pelo Universo a reboar!

Colocai Vossas mãos sobre o meu peito
E me devolva o coração
Que pelo mundo foi desfeito;

Embalai-me na suave canção
Da Vossa Infinita Graça,
E me devolva a vida
Que me quiseste dar
Em nossa primeira casa.

Ó Amor Supremo, faz-me repousar
Nos vergéis amenos,
Sobre a relva tenra dos teus verdes prados !

Faze com que meus olhos possam divisar
Sob o Vosso olhar
Um arco-íris que vivo a buscar
Bem lá no alto aonde a mora
A minha fé eterna em Te encontrar!

;

LUZ NAS TREVAS

Sem anúncio prévio,
Às vezes, submergimos,
Sob uma avalanche de trevas.
E no prélio
Desses ultrajes tormentosos
Quais abutres ameaçadores,
Sentimo-nos desditosos,
Acovardados ante as dores,
Na noite atroz que nos leva
A crer Deus, surdo aos nossos clamores,
E até de Sua onipotência duvidar.

Mas que mal pode as trevas nos fazer
Em seus itinerários passageiros,
Se já no princípio, o Senhor,
Na condição de único Creador
Em Seu infinito Amor
Dispôs nos céus dois luzeiros?

****

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

GERALDO PERES GENEROSO é natural de Timburi – SP, onde nasceu aos 19 de julho de 1948. Em 1959 mudou-se para Ipaussu, onde concluiu a 4.a série do ensino fundamental nesse ano. Em 1962 ingressou no Ginásio Estadual de Ipaussu. Em 1969 mudou-se para Paraguaçu Paulista, colou grau como professor pelo Colégio Estadual Diva Figueiredo da Silveira.

Em 1971 regressou a Ipaussu. A esse tempo, por excessos de estudo e trabalho, foi acometido de um esgotamento nervoso, só vindo a recuperar-se em 1972, quando prestou concurso para a Prefeitura de Ipaussu, onde se efetivou como auxiliar da contadoria.

Em 1975, fundou com Maurício Fernandes uma empresa de comunicação e publicidade.

Em 1978, por concurso foi investido cargo de Auxiliar Administrativo na Escola Júlio Mastrodomênico, cargo pelo qual aposentou-se.

Foi vereador no período de 1983 a 1988, e presidente da Câmara Municipal de Ipaussu no biênio 85/86.

Década de 90 - ASSESSOR DE COMUNICAÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DO RIO PARDO,

DIRETOR RESPONSÁVEL DO JORNAL SCN NOTÍCIAS – Sta.Cruz R.Pardo.

Diretor Responsável (atualmente) do JORNAL O COMETA _ em internet e mídia impressa e Assessor de Comunicação do INSTITUTO MAGNO ALVES.

VIDA CULTURAL

Iniciou a criação de seus primeiros poemas em 1965, quando ainda estudante na Escola Júlio Mastrodomênico, escola pela qual mantém um carinho muito especial até hoje. Foi lá que nasci como poeta – diz o autor, graças ao incentivo de todos os seus professores da época.

Foi e é colaborador de muitos jornais e, em seu acervo constam matérias inseridas, entre outros, nos seguintes jornais:

Ilha Grande, Folha de Ipaussu, O COMETA, VIA-FAX – de Ipaussu.

DEBATE – e A FOLHA, de Sta.Cruz R.Pardo;

ALTO MADEIRA – de PORTO VELHO, Rondônia.

NOTÍCIAS POPULARES – São Paulo – capital

GAZETA DE LIMEIRA e LETRAS DA PROVÍNCIA – Limeira –SP

O ESTADO – (Rio Branco – ACRE) – onde escreve atualmente

DIÁRIO MS – de Dourados – Mato Grosso do Sul. Idem

CORRESPONDENTE DA RÁDIO DIFUSORA DE PIRAJU –

JORNAL GAPLAN – DE ITU

JORNAL DA DIVISA - e FOLHA DE OURINHOS – OURINHOS –SP

FOLHA DE PIRAJU – PIRAJU – SP

JORNAL O PROGRESSO (onde se iniciou em década de 70) OURINHOS

Etc...etc.

FOLHA DE OURINHOS – Ourinhos – SP

Detentor de vários prêmios literários, como o Conto "EFEITO RETARDADO" – na década de 80, pela Faculdade de Ciências e Letras de Cornélio Procópio, mantém-se como membro correspondente de um sem-número de academias de letras e artes do Brasil e do exterior.

Menção honrosa no MAPA CULTURAL PAULISTA – da Secretaria de Estado da Cultura, em 2002, com o poema ANTES DE PARTIR.

INTELECTUAL DO ANO PELO JORNAL FRANCIS LETRAS – de Goiás, em 2000.

Em 1998,– participou do IV Congresso Internacional de Unificação Cristã, como jornalista, em Montevidéu, Uruguai, por destaque como jornalista patrocinado pelo jornal americano WASHINGTON TIMES.

Destacado pela Editora Universo – de Trento – Itália, no certame cultural "Uma Poesia para a Vida" – com destaque pelos poemas : DOIS CORAÇÕES e LUZ ETERNA.

Em 1995 lançou o livro MEMÓRIAS DE IPAUSSU – reeditado em 2003 – todas as edições esgotadas. Trata-se de uma obra histórica, que resgata a memória do Município de Ipaussu desde os seus primórdios.

Em 2005, premiado pelo Concurso de La Libraría Mediática, em convênio com o Ministério da Cultura da Venezuela.com o poema SOL e ESTRELA.

Em livros virtuais possui O RATO ROGÉRIO, A MINHOCA E O JOÃO DE BARRO (Infantis) e o livro de contos (regionalistas) CONTANDO COM BOM HUMOR.

Seu último trabalho foi a revisão completa de sua obra SEGREDOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA – um manual destinado a todos aqueles que detêm o dom e a vontade de escrever.

****